

## **ANÁLISE DO ESFORÇO EXPORTADOR DO RIO GRANDE DO SUL (1999-2010)**

**RESUMO** Este trabalho tem por objetivo analisar a importância das exportações na formação da renda de cada mesorregião do Rio Grande do Sul, com a utilização do Índice de Esforço Exportador (IEE). Os resultados obtidos apontam valores expressivos para as regiões Centro-Oriental e Sudeste, uma vez que estas apresentam maiores vantagens em exportar produtos agropecuários. Além disso, o comércio apresenta parcela significativa do produto da região. As mesorregiões Sudoeste, Centro-Occidental e Noroeste são caracterizadas pela agricultura de grandes propriedades, voltadas para a exportação, embora não sejam ainda suficientemente competitivas em relação à agricultura do mercado externo. Já as regiões Metropolitana e Nordeste destinam boa parte de sua produção ao mercado interno.

**Palavras-chave:** Exportações gaúchas. Crescimento econômico. Economia Regional.

Recebido em 08 / abril / 2014

Aprovado em 14 / novembro / 2014

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

Editor Científico: Simone Pereira Silva Bastos

**Revista de Administração da UEG – ISSN 2236 1197**

Mygre Lopes da Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), e-mail: mygrelopes@gmail.com.

Daniel Arruda Coronel, doutor em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), professor Adjunto do PPGA e Diretor da editora da UFSM, e-mail: daniel.coronel@uol.com.br, homepage: [www.daniel.coronel.com.br](http://www.daniel.coronel.com.br).

Rodrigo Abbade da Silva, Bacharel em Ciências Econômicas pela UFSM, e-mail: abbaders@gmail.com.

**ABSTRACT** This work aims to analyze the importance of exports in the income formation of each middle region of Rio Grande do Sul, using the Exporter Effort Index (EEI). The results indicate significant values for the East and Southeast regions, as these have major advantages in exporting agricultural products, and the trade also shows significant portion of the region product. The meso-west, west-central and northwest are characterized by agriculture of large estates, export-oriented, although they are not sufficiently competitive with agriculture the foreign market yet. As for the Metropolitan and Northeast they designed much of their production to the domestic market.

**Keywords:** Rio Grande do Sul Exports. Economic Growth. Regional Economy.

## 1 INTRODUÇÃO

A formação histórica e econômica do Rio Grande do Sul deu-se a partir dos eixos Rio Grande-Pelotas e Porto Alegre-São Leopoldo. No primeiro, concentravam-se as atividades relacionadas à pecuária e ao trigo, e, no segundo, havia a concentração de atividades de uma indústria de base artesanal. Até o século XX, a pecuária era o principal produto exportado pelo Estado. Nesse período, a cultura do arroz passou a ser inserida. A partir de 1960, o sistema de cultivo tradicional entra em colapso devido ao limite da fronteira agrícola. Tem-se, nesse período, a inserção da cultura de soja, incentivada pela política de crédito subsidiado dos anos 70 (JANSEN, 2006).

A participação do Rio Grande do Sul na pauta exportadora brasileira, em 1999, foi de 10,41%, e, em 2012, de 7,17% (ALICE Web, 2013). O estado foi o quinto maior exportador, em 2012, atrás de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná (FIESC, 2012). Esse fato pode estar relacionado com longos períodos de estiagem ocorridos no estado, com a apreciação cambial (a qual pode ter afetado sobremaneira as exportações gaúchas de manufaturados), além da queda nas exportações de calçados, devido à maior concorrência com calçados asiáticos (BELLO; TERUCHKIN; GARCIA, 2010).

As exportações são importantes para a manutenção do saldo da balança comercial, bem como para a geração de divisas. Além da sua relevância em um contexto macroeconômico, é possível analisar suas repercussões no cenário microeconômico. Dessa forma, têm-se as questões: qual é o impacto das exportações na geração de renda das mesorregiões gaúchas? De que forma se comporta o dinamismo dessas exportações?

Este trabalho procura analisar o dinamismo das exportações na geração de renda das mesorregiões gaúchas, de 1999 a 2010. Parte-se da hipótese de que as exportações são parte relevante da renda de cada mesorregião gaúcha, corroborando, então, com um esforço exportador significativo.

O artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção, é apresentado o referencial teórico; na seção seguinte, tem-se uma breve análise das exportações gaúchas; na quarta e quinta seções, estão os aspectos metodológicos e a análise dos resultados, respectivamente, e, na última, encontram-se as conclusões.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A partir dos respectivos conceitos de vantagens absolutas e comparativas, o livre comércio foi justificado pelos economistas clássicos, Adam Smith (1983) e David Ricardo (1982). Em 1776, Adam Smith publicou o livro *A Riqueza das Nações: investigação sobre a natureza e suas causas*, no qual formulou, com base na divisão do trabalho, a teoria que ficou conhecida como Vantagens Absolutas, tendo como pressuposto básico o pensamento de que se duas nações aceitassem comercializar entre si, ambas poderiam ganhar.

O princípio das Vantagens Absolutas postula que as nações deveriam especializar-se na produção da *commodity*, a qual produzissem com maior vantagem absoluta e trocar parte de sua produção pela *commodity* que produzissem com desvantagem absoluta (SALVATORE, 2000). Contudo, havia uma grande limitação, visto que, se uma nação não apresentasse nenhuma vantagem absoluta, não poderia participar do comércio (RAINELLI, 1998). Os preços dos produtos eram determinados pelo custo da mão de obra empregada (trabalho), desconsiderando os custos como matéria-prima (natureza), investimentos e *know-how* (capital) (MAIA, 2001).

O principal objetivo de Smith ao propor a livre troca era a abertura dos mercados internacionais para os produtos industriais ingleses, para que a Inglaterra não bloqueasse o desenvolvimento de sua industrialização, uma vez que seu mercado interno era pequeno e incapaz de absorver toda a produção. Além disso, o comércio entre países levaria à acumulação de capital, e, como consequência, ao desenvolvimento econômico (BRASIL, 2011).

Em sua famosa obra “Princípios de Economia Política”, de 1817, David Ricardo realizou avanços na teoria de Adam Smith ao expor a Lei das Vantagens Comparativas. Conforme essa lei, mesmo que uma nação possua desvantagem absoluta na produção de ambas as *commodities*, ainda assim haveria uma possibilidade de comércio, desde que a nação se especializasse na produção de sua *commodity* de menor desvantagem absoluta. As

vantagens comparativas implicam a especialização da produção dos bens que apresentam o menor custo relativo, na comparação de dois bens.

A Teoria Clássica do Comércio Internacional não é suficiente para explicar o atual funcionamento do comércio internacional. Para os pressupostos clássicos serem válidos, no comércio internacional, deveria se observar as seguintes condições: concorrência perfeita nos mercados de bens e fatores; livre comércio, dentre outros (FERRARI FILHO, 1996).

Com o sentido de preencher as lacunas da Teoria do Comércio Internacional, a Teoria Neoclássica do Comércio Internacional resultou no modelo de Heckscher-Ohlin. Da mesma forma, as limitações da Teoria das Vantagens Comparativas resultaram neste mesmo modelo neoclássico. A introdução de outros fatores de produção permitiu compreender a vantagem comparativa como a produção do bem em que seja intensivo no fator de produção abundante em determinado país (SCARDUELLI, 2012). Esse teorema explica as vantagens comparativas por meio da dotação de fatores e, portanto, a utilização do fator de produção mais abundante sugere que seu custo é menor, resultando em mercadorias com preços mais baixos (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005).

De acordo com Salvatore (2000), o modelo consiste no comércio em que cada nação exportará a *commodity* intensiva de seu fator abundante de produção e importará a *commodity* que exija a utilização de seu fator escasso e de maior custo de produção. Logo, a utilização do fator de produção mais abundante sugere que seu custo é menor, resultando em mercadorias com preços mais baixos e uma produção mais eficiente.

Cabe destacar que a troca de produtos intensivos em diferentes fatores produtivos pode substituir a mobilidade internacional desses fatores. Contudo, a liberalização comercial prejudica determinado país que possua um fator produtivo relativamente escasso (CAVES; FRANKEL; JONES, 2001). Além disso, dificilmente a economia mundial encontra-se em plena liberalização do comércio, já que os impedimentos comerciais vão desde as tradicionais barreiras tarifárias até as não tarifárias, como: cotas, restrição voluntária às exportações, subsídios, barreiras sanitárias e fitossanitárias, técnicas, ambientais, burocráticas, entre outras (LOPES *et al.*, 2013).

A inadequação das teorias anteriores do comércio internacional para explicar o mercado atual se dá pelo fato de considerarem a ausência de economias de escala, as tecnologias constantes, a imobilidade dos fatores e a concorrência perfeita entre os agentes (SALVATORE, 2000). A teoria da vantagem competitiva de Michael Porter traz um conceito mais condizente com a realidade moderna.

A vantagem competitiva baseia-se na produtividade por meio de economias de escala, de diferenciação de produto e de mudanças tecnológicas. Dessa forma, o comércio internacional permite o aumento de produtividade através da ampliação dos mercados e elimina a necessidade da produção de todos os bens e serviços dentro de um país. A teoria de Porter baseia-se em estudos empíricos em nações já industrializadas, respalda-se nos países desenvolvidos, os quais necessitam cada vez mais de aprimoramento do produto, enquanto o aspecto qualitativo, e não quantitativo, é o mais importante (PORTER, 1993).

Além das vantagens competitivas de Porter, novos modelos e novas teorias do comércio internacional surgiram no intuito de tentar explicar a nova dotação do comércio internacional, devido à intensificação do processo de globalização e a dinamização dos fluxos de comércio. Destaca-se a Teoria de Linder, o Ciclo do Produto, desenvolvido por Vernon, o Modelo de Defasagem Tecnológica, postulado por Posner (CORONEL, 2008).

Esta pesquisa aborda a influência do comércio internacional na renda gaúcha, seja pelo menor custo produtivo em relação ao tempo de trabalho, como aborda a teoria clássica, seja pela abundância do fator produtivo, recursos naturais, clima favorável na produção dos bens, como trata a teoria neoclássica de comércio. Cabe destacar que a competitividade brasileira e, conseqüentemente, a gaúcha, no mercado internacional é explicada pela produtividade, em especial pelo desenvolvimento de pesquisas e tecnologias, o que vai ao encontro do proposto por Porter. Então, para mensurar a influência das exportações na renda das mesorregiões, aplicar-se-á o Índice de Esforço Exportador, o qual será discutido na seção a seguir.

### **3 BREVE ANÁLISE DO MERCADO PRODUTIVO E EXPORTADOR DAS MESORREGIÕES GAÚCHAS**

A colonização do estado do Rio Grande do Sul pode explicar a atual composição produtiva das mesorregiões gaúchas. Desde 1824, com o sucesso da colônia de São Leopoldo, as colônias de imigrantes açorianos, alemães e italianos foram implantadas geralmente no norte do estado. A partir de 1850, com o estabelecimento da Lei de Terras, havia a doação de colônias agrícolas aos colonos provindos da imigração dirigida pelo Estado. Desde então, a imigração europeia intensificou-se. Concomitantemente, novas estradas foram sendo construídas, enquanto os povoados surgiram, possibilitando uma nova dinâmica nesses espaços (HERÉDIA, 2001).

Enquanto isso, nas áreas de ocupação mais antiga, no sul do estado (luso-brasileiros), não ocorria uma dinamização tão intensa no espaço como nas áreas coloniais. Esse aspecto histórico pode explicar a atual composição produtiva das mesorregiões gaúchas. A divisão atual do estado pode ser feita por mesorregiões, as quais agregam características geográficas semelhantes. A Figura 1 descreve a divisão do Rio Grande do Sul.



**Figura 1-** Mesorregiões gaúchas.

Fonte: FEE (2013). Legenda: 1 - Noroeste Rio-grandense; 2 - Nordeste Rio-grandense; 3 - Centro Ocidental Rio-grandense; 4 - Centro Oriental Rio-grandense; 5 - Metropolitana de Porto Alegre; 6 - Sudoeste Rio-grandense; 7 - Sudeste Rio-grandense.

O Sudeste gaúcho tem como principais atividades produtivas o arroz irrigado e a pecuária de corte, comércio, serviços, atividades ligadas ao segmento portuário e indústria petroquímica. No âmbito do Sul do estado, a atividade crescente é a produção florestal para a indústria de celulose. A mesorregião Sudoeste é tradicionalmente produtora de arroz e soja (BENETTI, 2006).

A mesorregião Centro-Ocidental destaca-se na produção de soja e na atividade pecuária, inclusive no setor terciário, em serviços de educação. A mesorregião Centro-

Oriental tem como principais atividades econômicas a agropecuária e agroindústria do fumo (BENETTI, 2006; MORAES, 2013).

A mesorregião Nordeste, além de apresentar uma agropecuária bastante diversificada, desenvolveu também uma forte estrutura industrial, com setores como alimentos e bebidas, material de transporte, mecânica, química e metalurgia (MORAES, 2013). A mesorregião Noroeste é constituída por uma agricultura moderna, com importantes áreas de produção de grãos no Estado e criação de pequenos animais, como suínos e aves (CHELOTTI, 2011).

A mesorregião Metropolitana de Porto Alegre destaca-se na produção industrial, polímeros (matéria plástica), coureiro calçadista, nos serviços e no comércio. Além disso, cabe ressaltar as atividades de turismo no litoral, bem como a Refinaria Alberto Pasqualini em Canoas (MORAES, 2013).

Os principais produtos da pauta exportadora do Estado são os do complexo soja — grão, farelo e óleo —, o tabaco, os cereais — arroz e trigo —, as carnes — de aves e suína —, os calçados, os polímeros e os tratores e demais máquinas agrícolas. Entre os produtos derivados do petróleo, os polímeros, as exportações concentram-se em combustíveis, óleos minerais, plásticos do Polo Petroquímico de Triunfo, na mesorregião Metropolitana de Porto Alegre (GARCIA, 2012).

Cabe destacar que as vendas externas de calçados de couro vêm declinando aceleradamente no Rio Grande do Sul em função do elevado custo comparativo da mão de obra local e, principalmente, nos períodos de depreciação do dólar, que torna os produtos brasileiros relativamente mais caros no exterior, como por exemplo, no Vietnã, na Indonésia e na Índia. Contudo, continuou o processo de agregação de valor ao calçado gaúcho através de *design*, de marca própria, entre outros elementos de agregação de valor (GARCIA, 2012).

#### 4 METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta a técnica indireta, por meio da pesquisa documental e bibliográfica. As principais fontes de informações foram coletadas de órgãos especializados em comércio internacional, como o Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE Web) e a Fundação de Economia e Estatística (FEE), por exemplo, bem como livros, artigos científicos, revistas, entre outros.

No que se refere ao procedimento, utilizou-se o método monográfico e estatístico, além do estudo em um tempo e tema específico, a partir de uma descrição quantitativa do

tema abordado, por meio da análise de tabelas e o estabelecimento de relações básicas entre variáveis (MARCONI; LAKATOS, 2005).

A pesquisa apresentou, quanto à sua natureza, um caráter aplicado, em que se objetiva a aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação no tema específico, através da discussão e análise do comércio internacional das mesorregiões do Rio Grande do Sul. Caracterizou-se ainda pelo cunho exploratório e explicativo, pois, primeiramente, realizou-se um levantamento bibliográfico a fim de estabelecer uma maior familiaridade e percepção para com o tema, seguido da identificação de alguns fatores que contribuem com esse comércio. Quanto à abordagem utilizada pela pesquisa, esta é predominantemente quantitativa, porém, utiliza-se também de variáveis conceituais em um menor número (GIL, 2010).

#### **4.1 Referencial Analítico**

O método analítico baseou-se no Índice de Esforço Exportador (IEE), o qual mede o grau de abertura da economia, além de indicar a porcentagem do produto nacional que é dedicada aos mercados estrangeiros (HERRERO, 2001). O índice pode ser expresso da seguinte forma:

$$IEE_{k,t} = X_{k,t} / PIB_{k,t}$$

onde:

$X$  são as exportações da região  $k$ , no período  $t$ ;

$PIB$  representa o Produto Interno Bruto da região  $k$ , no período  $t$ .

#### **4.2 Fonte e base de dados**

Os dados referentes ao Produto Interno Bruto de cada mesorregião foram coletados na Fundação de Economia e Estatística (FEE), e os dados sobre as exportações, no Sistema de Análise de Informações de Comércio Exterior (ALICE Web). O período de análise utilizado é anual, de 1999 a 2010, em função da disponibilidade de dados da FEE. As mesorregiões gaúchas foram as seguintes: Centro Ocidental Rio-Grandense, Centro Oriental Rio-Grandense, Metropolitana de Porto Alegre, Nordeste Rio-Grandense, Noroeste Rio-Grandense, Sudeste Rio-Grandense e Sudoeste Rio-Grandense.

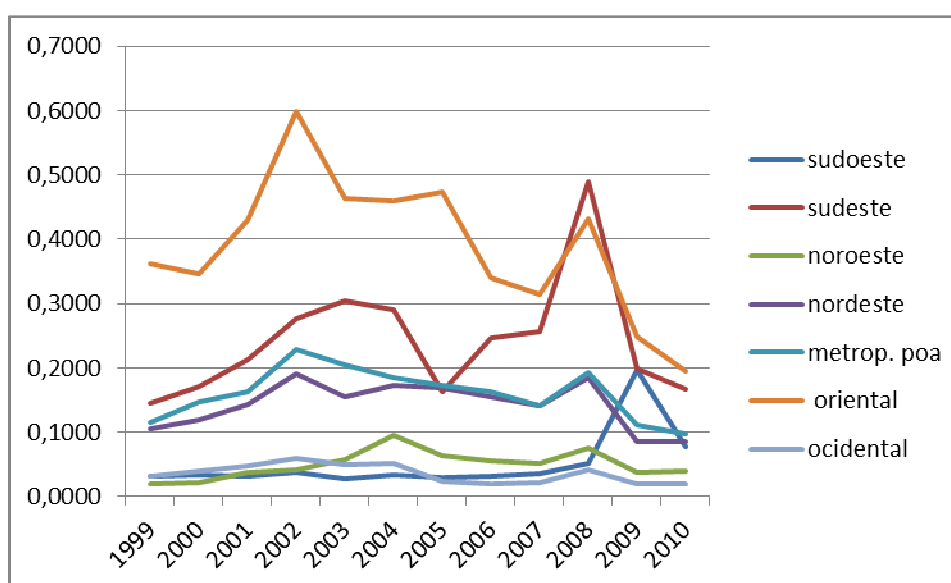


## 5 Análise e discussão dos resultados

Esta seção busca verificar a importância das exportações na geração de renda das mesorregiões gaúchas, que ocorrem devido à competitividade gaúcha e às vantagens em exportar, sejam elas comparativas ou competitivas.

Primeiramente, foram analisados os principais resultados encontrados pelo Índice de Esforço Exportador. Em seguida, analisou-se a influência de cada variável que compõe o índice. Em um terceiro momento, houve o resgate de aspectos referentes à realidade econômica de cada mesorregião, conforme abordado na literatura, para corroborar os resultados. Não foram encontrados estudos semelhantes, que abordem de forma detalhada as exportações gaúchas e sua relevância na formação da renda de cada região.

De acordo com a Figura 1, verifica-se que o Índice de Esforço Exportador é maior para a região Centro-Oriental e Sudeste desde 1999 a 2010.

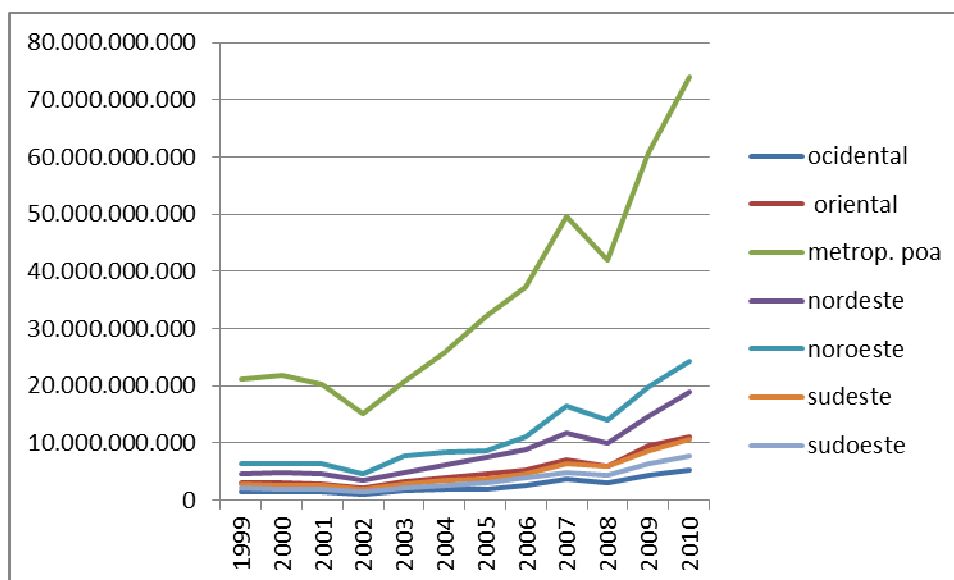


**Figura 1-** Índice de esforço exportador das mesorregiões do Rio Grande do Sul no período de 1999 a 2010

**Fonte:** Elaboração própria, a partir de dados do ALICE Web, FEE (2013).

A região Sudeste é a terceira maior mesorregião exportadora do estado, devido ao seu dinamismo no comércio internacional com o porto de Rio Grande (Figura 3). A mesorregião Centro-Oriental é a segunda maior exportadora do estado, ao longo do período analisado. Contudo, é importante ressaltar o baixo nível de renda (Figura 2). Dessa forma, as vendas ao

exterior representam uma parcela significativa do produto, de acordo com o elevado IEE. A região exporta principalmente produtos da cultura fumageira.

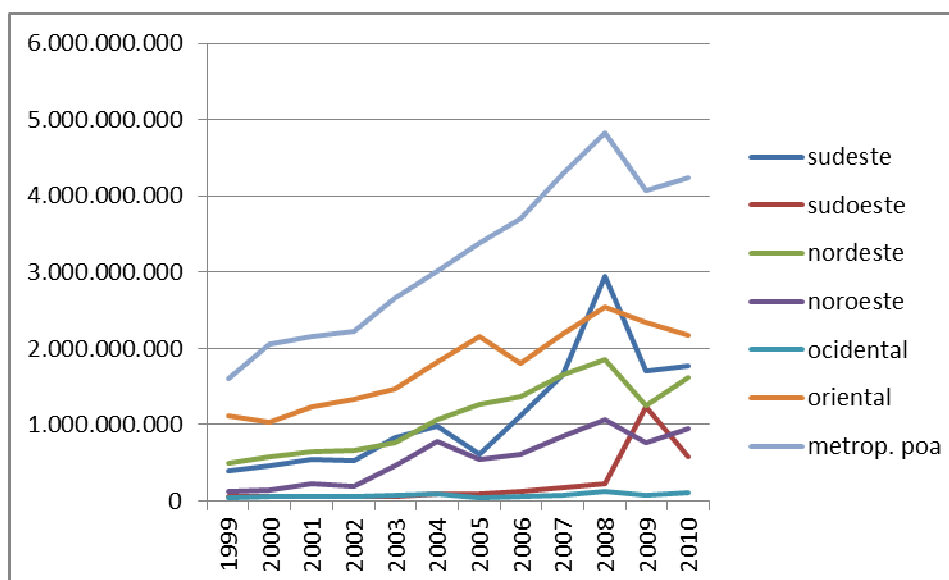


**Figura 2-** Produto Interno Bruto (US\$) das mesorregiões gaúchas no período de 1999 a 2013

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da FEE (2013).

Em um nível intermediário do Índice de Esforço Exportador, encontram-se as regiões Metropolitana de Porto Alegre e a Nordeste. Estas se destacam como a primeira e a quarta maiores mesorregiões exportadoras gaúchas, respectivamente, além de ser também a primeira e a terceira, no âmbito de maior nível de renda do estado. É nestas regiões que se observam as exportações com maior valor agregado, com produtos de maior base industrial.

Entretanto, verifica-se uma menor participação das exportações na renda para as mesorregiões Noroeste, Centro-Occidental e Sudoeste. A mesorregião Noroeste, apesar da segunda maior renda do estado, baseada na economia com agricultura moderna, tem pouca representatividade de suas vendas ao exterior. As regiões Centro-Occidental e Sudoeste têm pouca participação no produto e nas exportações do Rio Grande do Sul, o que justifica baixos valores do IEE.



**Figura 3-** Exportações das mesorregiões gaúchas (US\$) no período de 1999 a 2013

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do ALICE Web (2013).

Diante de tais evidências, pode-se deduzir que da região Centro-Ocidental ao Sudeste gaúcho há maior dinamismo e esforço para a atividade exportadora, uma vez que apresentam tanto vantagens comparativas quanto competitivas, na exportação de produtos agropecuários. No Sudoeste, Centro-Ocidental e Noroeste ainda existem reflexos da agricultura de grandes propriedades e ainda não suficientemente competitivas em relação ao mercado externo.

Já as regiões Metropolitana e Nordeste destinam boa parte de sua produção ao mercado interno e não ao externo. Essas regiões exportam produtos de maior característica industrial em comparação com as demais regiões do estado. Portanto, os maiores IEE são observados nas regiões mais competitivas em bens agropecuários, reforçando a importância da tradição gaúcha na produção agropecuária.

Cabe ressaltar que o índice oscilou a partir de 2008, em função da crise financeira do período, a qual trouxe expectativas de incerteza para os agentes econômicos. A crise reduziu a atividade econômica e, consequentemente, diminuiu a demanda externa pelos produtos gaúchos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rio Grande do Sul é um dos estados com maior representatividade nas exportações do país, principalmente no que tange às exportações de produtos agropecuários, setor responsável pela manutenção do equilíbrio do saldo da balança comercial brasileira. O

presente estudo buscou analisar a participação das exportações na composição da renda das mesorregiões gaúchas.

Os maiores valores do IEE foram observados nas mesorregiões Sudeste e Centro-Oriental, justificadas principalmente pelo maior dinamismo das atividades agropecuárias e também pelos investimentos orientados da infraestrutura do porto de Rio Grande.

Observou-se também que os valores intermediários do índice se evidenciaram nas mesorregiões Nordeste e Metropolitana de Porto Alegre, pois estas destinam boa parte de sua produção, eminentemente industrial, para o mercado interno.

Já os valores mais baixos do IEE foram constatados para as mesorregiões Noroeste, Sudeste e Centro-Occidental em função dos reflexos da agricultura de grandes propriedades, não suficientemente competitivas em relação às demais regiões.

Portanto, verificou-se que as exportações representaram importantes parcelas na formação da renda das mesorregiões gaúchas, na ótica da competitividade no mercado internacional e também no âmbito do baixo dinamismo dos demais fatores que compõem a demanda agregada, como os investimentos, o consumo dos agentes públicos e privados, além das importações.

Cabe destacar que são escassas as pesquisas que trabalham de forma detalhada os fluxos de comércio de cada região do Rio Grande do Sul e sua contribuição no PIB. A presente pesquisa contribui para o debate a respeito de estratégias empresariais e governamentais para fomentar a economia regional.

Contudo, o trabalho também apresentou limitações, com sugestões para pesquisas futuras, podendo-se incluir mais variáveis na tentativa de maior explicação para a composição da renda das mesorregiões gaúchas, por meio de um modelo de Vetores Autorregressivos (VAR) e de Vetor de Correção de Erros (VEC), por exemplo. Além disso, pode-se sugerir análises de dados em painel para encontrar fatores comuns e divergentes entre as mesorregiões, no que tange à participação do comércio internacional no crescimento econômico gaúcho.

## REFERÊNCIAS

ALICE WEB - ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR. **Consultas**. Disponível em <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

BELLO, T. S.; TERUCHKIN, S. U.; GARCIA, A. A. **Alterações no perfil das exportações gaúchas**. O movimento da produção. (Três décadas de economia gaúcha, v. 2), 2010.

BENETTI, M. D. Perspectivas de transformações estruturais na economia da Metade Sul do Estado. **Indicadores Econômicos da FEE**, Porto Alegre, v. 34, n. 4, p. 129-142, mar. 2006.

BRASIL, L. A. **A pauta exportadora brasileira na década de 2000 e o processo de reprimarização**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CAVES, R. E.; FRANKEL, J. A.; JONES, R. W. **Economia Internacional**: comércio e transações globais. 6. Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

CHELOTTI, M. C. Produção desigual do espaço e dinâmica regional da agropecuária na campanha gaúcha. **Observatorium**: Revista Eletrônica de Geografia, v. 2, n. 6, p. 36-67, abr. 2011.

CORONEL, D. A. **Fontes de crescimento e orientação regional das exportações brasileiras do complexo soja**. Dissertação (Mestrado em Agronegócios)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FEE- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **FEEdados**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br>>. Acesso em: 28 out. 2013.

FIESC- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA. **Conjuntura Econômica**: Comércio Exterior, 2012. Disponível em:<[www2.fiescnet.com.br/web/recursos/VUVSR016VXdOdZ09](http://www2.fiescnet.com.br/web/recursos/VUVSR016VXdOdZ09)>. Acesso em: 06 dez. 2014.

FERRARI FILHO, F. Economia internacional. In: SOUZA, N. J. (Org.). **Introdução à economia**. 2ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GARCIA, A. A. As exportações gaúchas em 2011: desempenho e perspectivas. **Texto para Discussão FEE N° 100**. Porto Alegre, fev. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HERÉDIA, V. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 10, n. 94, ago. 2001.

HERRERO, L. **El Comercio Internacional**. Madrid, AKAL, 2001.

JANSEN, S. L. Evolução da Estrutura Produtiva do Rio Grande do Sul: Uma Analise do período de 1940 a 1995/96. In: **3 Encontro de Economia Gaúcha**, 2006, Porto Alegre. 3º Encontro de Economia Gaúcha, 2006.

LOPES, M. M. et al. Análise da competitividade das exportações agrícolas brasileiras para a China: uma análise do complexo soja e fumo. **Revista UNIABEU**, Belford Roxo, v. 6, n. 13, p. 189-208, mai./ago. 2013.

KRUGMAN, P.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional**. 6. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2005.

MAIA, J. M. **Economia internacional e comércio exterior**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATUS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MORAES, S. L. **A relação entre interação setorial e o desempenho econômico das mesorregiões gaúchas nos anos 2000**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PORTER, M. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1993.

RAINELLI, M. **Nova teoria do comércio internacional**. Bauru: EDUSC, 1998.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SALVATORE, D. **Economia Internacional**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC), 2000.

SCARDUELLI, R. B. **Análise da pauta exportadora do Rio Grande do Sul no período de 2000-2010**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SMITH, A. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, v. I.